

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

Juraci Santos*

Serlei Maria Fischer Ranzi**

Resumo

No início da chamada Primeira República, os ginásios públicos não existiam em todas as cidades brasileiras, dessa forma, o regime de internato foi uma opção para os jovens que viviam no interior do país e que desejavam cursar o ensino secundário. O presente artigo buscou investigar o internato do Ginásio Paranaense, objetivando evidenciar o uso de estratégias utilizadas na criação e funcionamento sob uma administração laica e sua transferência para um espaço e gestão católica, primeiramente da Congregação Lazarista e posteriormente dos Irmãos Maristas do Sul.

Palavras-chave: estratégias, internato, gestão laica, gestão católica.

Boarding school of gymnasium paranaense 1919 the 1942: strategies used around the creation and transference for a catholic space and management

Abstract

It is known that in Brazil, at the start of so-called First Republic, the public secondary school is not existed in all Brazilian cities, so the scheme was an internship option for young living within the country the State who wanted to attend the teaching secondary. The main objective of this paper was to seek to understand and explain the strategies of the state and the local church Catholic referred create operation of the Boarding Gynásio Paranaense (1919-1942).

Keywords: strategies, internship, secular management, management catholic.

* Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Cinecista de Campo Largo (Facecla), Curitiba, Paraná, Brasil.

** Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, Paraná, Brasil.

Introdução

Este artigo aborda aspectos da criação e funcionamento do internato do Ginásio Paranaense de 1919 a 1942. Este internato foi criado como um anexo do Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná.

Assim, este texto é resultado da investigação de um conjunto de documentos,¹ os quais nos permitiram defender a tese de que o governo do Estado do Paraná e a direção-geral do Ginásio Paranaense se utilizaram de estratégias para se adequar à legislação vigente e perseguir a ideia de criação e manutenção do internato do Ginásio Paranaense. No momento em que a manutenção do internato pelo poder público se tornou inviável, a solução encontrada foi buscar apoio na Igreja Católica local, para formar uma parceria e dar continuidade ao projeto. A Igreja Católica local também utilizou estratégias para enfrentar as condições adversas impostas pelo regime republicano e se fazer presente na administração do internato público.

O historiador Michel de Certeau (2007, p. 99-100) denomina de estratégia o

[...] cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente [...]. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde gerir as relações de uma exterioridade de alvos ou ameaças [...].

O governo do Estado do Paraná e a Igreja Católica local buscaram uma solução que unia a inexperiência e a desilusão do governo Estadual com a prática de um internato público e laico e a possibilidade da manutenção do local pela Igreja, que presumidamente tinha experiência, mas que precisava de subvenção governamental.

Posto isso, este texto desdobra-se em dois tópicos: a primeira parte aborda o que denominamos de estratégias do Estado do Paraná para criar o internato do Ginásio Paranaense, uma vez que a legislação permitia a criação de um único ginásio público por cidade e, no caso de Curitiba, já existia o Ginásio Paranaense. A segunda parte são as estratégias da Igreja Católica local, a qual, por meio das Congregações Lazarista e Marista, passou a se fazer presente no Internato e reforçar os valores católicos juntos aos ginasianos.

Criação, funcionamento e manutenção do internato

O internato do Ginásio Paranaense foi criado em 1919 como um anexo do Ginásio Paranaense e, para administrá-lo, o governo do Estado nomeou um subdiretor e um subsecretário, os quais ficaram subordinados à direção e à

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

secretaria geral do Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná (STRAUBE, 1998, p. 1).

A intenção da criação do internato era atender os jovens do interior do Estado do Paraná e os que moravam distante do centro de Curitiba. A primeira sede do internato do Ginásio Paranaense foi o Palacete José Loureiro,² que de 1919 até início de 1925 funcionou no referido local, sob uma direção laica. Como o palacete não foi construído para fins educativos, ele teve que ser adaptado para este fim.

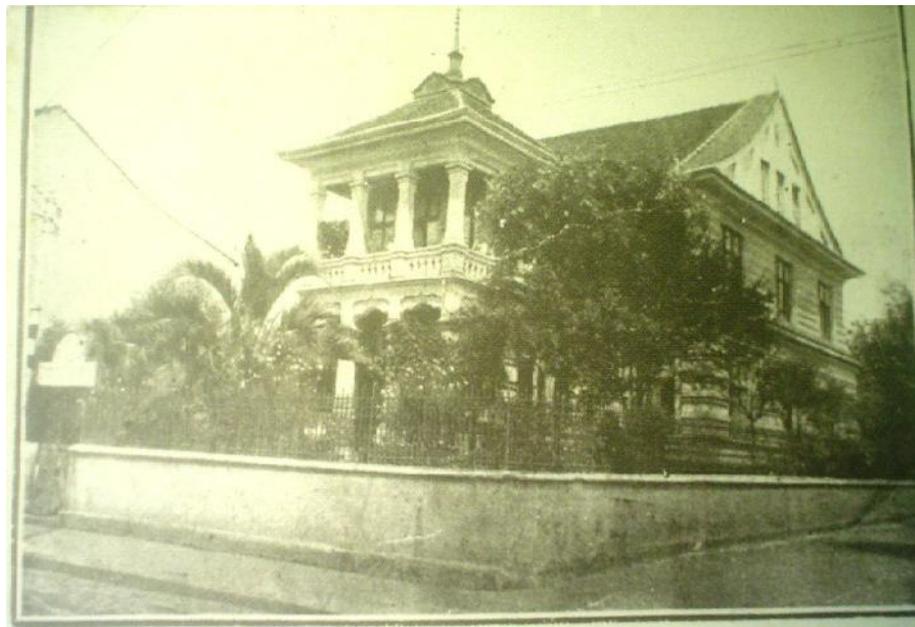


Figura 1 – Palacete José Loureiro
Fonte: Acervo particular de Ernani Straube

A imprensa local da época noticiou a criação desse local como mais um luzeiro do saber, sendo que a seção do internato já recebia este adjetivo. Esta notícia evidencia que a criação do internato foi motivo de orgulho para a sociedade local e ao mesmo tempo aponta para a importância da fundação de mais espaços educacionais no sentido de enfrentar e atenuar o problema do analfabetismo no Estado.

Em nosso século a forte e sã pedagogia, quando ciência se multiplica na criação de estabelecimentos de ensino, é sempre com prazer que sabemos da fundação de mais um luzeiro do saber. É esse prazer é tanto maior quando lembramos que a porcentagem de

analfabetos entre nós atinge à desconcertante proporção de 80%. Sentiríamos com isso em desânimo si por outro lado não confortasse a certeza de que entre nós também há quem cuide em atenuar o flagelo. (GAZETA DO POVO, 03/03/1990)

Concomitante à definição do prédio que se destinaria ao internato, a direção-geral do Ginásio Paranaense trabalhou na busca da equiparação da nova instituição ao Colégio Pedro II. Mas o que se entendia por equiparação na chamada Primeira República? Por ocasião da criação do internato, todo estabelecimento de ensino secundário regular devia ser equiparado ao Colégio Pedro II ou ao Colégio Nacional do Rio de Janeiro. A equiparação de um estabelecimento de ensino secundário significava ter: condições físicas, humanas e econômicas para adotar o mesmo currículo e a forma organizacional do Colégio Pedro II, pois ele era referência para o restante do país (RANZI; SILVA, 2006; ANTUNHA, 1980; SILVA, 1969). O sistema de equiparação foi introduzido por Benjamin Constant em 1890 por meio do Decreto 981, o qual previa que:

Quando e qualquer um dos Estados da República houverem organizado estabelecimentos de ensino secundário integral, segundo o plano do Ginásio Nacional, darão os seus exames os mesmos direitos à matrícula nos cursos superiores. (ANTUNHA, 1980, p. 42)

De acordo com o decreto, os alunos de Estados que não possuísem ginásio equiparados deveriam rumar até o Rio de Janeiro para prestar exames no Colégio Pedro II, com a finalidade de obter a conclusão do curso secundário, pois na época a conclusão desse nível de ensino era o que possibilitava o acesso ao ensino superior.

O Governo Federal, na chamada Primeira República, para equiparar um ginásio, exigia no mínimo a frequência de 60 alunos durante dois anos, lentes catedráticos³ concursados e efetivos e lentes substitutos; disciplinas obrigatórias, conforme as normas do Governo Federal, podendo ampliar o currículo, além de condições patrimoniais (RANZI; SILVA, 2006, p. 156).

Para atender essa exigência, o governo do Estado e a direção-geral do Ginásio Paranaense lançaram mão das seguintes estratégias: criaram o internato como um anexo do Ginásio Paranaense; adaptaram o espaço físico de acordo com as exigências da época; para cumprir a exigência do mínimo de 60 alunos matriculados e frequentes, somaram os 22 alunos matriculados no internato com os 279 alunos matriculados na seção do externato. Quanto à exigência dos lentes catedráticos,⁴ a direção-geral utilizou o mesmo quadro de professores do Ginásio da seção do externato. No Palacete José Loureiro, os ginásianos internos tinham aula da 1ª a 3ª série, e como eram poucos os alunos da 4ª, e da 5ª séries, estes somente dormiam no internato e frequentavam as aulas na seção do externato.

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

Contudo, no ano de 1924, em decorrência do espaço improvisado para o funcionamento do internato, associado à indisciplina e ao aumento de alunos, o governo do Estado e a direção-geral do internato procuraram outro espaço para instalar os ginasianos.

A procura da nova sede foi realizada pela direção-geral do Ginásio Paranaense, na pessoa do professor Lysímaco da Costa, juntamente com o governador do Estado, Caetano Munhoz da Rocha. A sede encontrada foi o Ginásio Diocesano e Seminário São José, administrado pelos padres lazaristas.



Figura 2 – Internato do ginásio paranaense de 1925
Fonte: acervo particular de Ernani Straube

Segundo a propaganda do internato em meados da década de 1920, a sua nova sede possuía um espaço muito amplo. A área interna contava com diversos compartimentos que podiam ser utilizados como sala de aula e dormitórios. Embora a capacidade do prédio fosse para 400 alunos, no período em que o internato funcionou sob a subvenção do Estado (1925-1942), o total de alunos chegou a 200 no ano de 1942.

O professor Lysímaco, mesmo tendo em sua formação influência do positivismo e defendesse o ensino público laico, era um homem respeitado pelo clero local. Isso, de certo modo, favoreceu sua atuação na articulação da transferência do internato para o espaço católico. Após ele ter acertado o aluguel do prédio que abrigaria os ginasianos com o governo do Estado e o arcebispo, tratou de entrar em contato com o superior dos padres lazaristas no Brasil, sendo que este contato foi intermediado pelo arcebispo de Curitiba.

Meu querido Senhor Padre Pasquier. [...] É portador destas linhas o verdadeiramente distinto professor Lysímaco Ferreira da Costa, diretor do Gymnasio Federal em Corytiba e pessoas de maior confiança do senhor presidente do Estado. É este como padre Revmo. não o ignorará, um ótimo católico, e quem, bom como nós outros todos, grandemente lhe dói a não estarmos a frente da seção do Internato. Recorreu, pois a senhor presidente São José e condecorar este com respectivos privilégios, vantagens do Gymnasio Federal do Paraná, etc. etc. Está o padre Taddei mais disposto a corresponder a religiosa idéia do senhor presidente, si a o Padre Revmo. não designar de conceder a aprovação. E para que esta emane, como é natural que deva emanar o pleno conhecimento de todos os pormenores, Peço a bondade de ouvir atentamente o professor Lysímaco. (Carta escrita por Dom Francisco Braga, em 17/02/1925 ao superior dos Lazaristas no Brasil)

Ainda que a carta de Dom Braga sugira que o professor Lysímaco estava à frente da negociação do internato pelo fato de ser um católico praticante, os estudos de Abreu (2007) sugerem a relativização da sua atuação como um intelectual católico.

[...] Embora conste que o professor Lysímaco tenha sido formado num ambiente católico e tenha educado os filhos nos princípios do catolicismo, ele deixou a sua fé para o âmbito privado, a convicção religiosa deveria habitar as intimidades das consciências. Em relação à educação distanciou do movimento católico, porque teria restringido a sua luta na defesa da instrução do ensino nas escolas oficiais, deixando de lado questões importantes em torno da escolarização. O projeto de Lysímaco, em que a ciência falava mais alto, era para ele, mais amplo. (ABREU, 2007, p. 171)

Os estudos de Abreu nos levaram a considerar que o fato do professor Lysímaco ter mediado a negociação da transferência do internato para um espaço católico indica muito mais uma razão política do que religiosa. Nesta intercessão, o professor Lysímaco conseguiu que os padres lazaristas administrassem o internato.

De acordo com as correspondências dos padres lazaristas enviadas ao padre Eugênio Pasquier (superior dos lazaristas no Brasil), o governo do Estado e o professor Lysímaco escolheram os padres lazaristas para administrarem o internato porque na percepção deles os lazaristas tinham certa tradição em trabalhar em regime de internato. Estes padres, além de administrarem e ministrarem aulas no Ginásio Diocesano e no Seminário São José, eram oriundos do Colégio de Caraça em Minas Gerais. O Caraça funcionava em regime de

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

internato e, a partir do ano de 1853, passou a ser administrado pelos padres lazaristas franceses.

Padres lazaristas na administração do internato

Ainda que as fontes disponíveis não tenham apresentado evidências explícitas sobre manifestações ou rumores de descontentamento de professores e alunos da mudança do internato do Ginásio Paranaense para uma sede católica, o silêncio não nos impediu de analisar os dados levantados e defender a tese de que houve um movimento nesse sentido. De acordo com o livro de matrícula do internato, foi possível evidenciar que, do total de 61 alunos matriculados no ensino regular, somente 35 alunos fizeram a transferência para a nova sede, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Número de alunos do internato na transição de uma orientação laica para uma orientação religiosa

Ano	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5ª série	Total
1924	26	22	08	03	03	61
1925	52	16	15	03	01	87

Fonte: Livro de matrículas do internato do Ginásio Paranaense.

Embora o Quadro 1 demonstre que o número de alunos da primeira série tenha dobrado no ano de 1925, cabe destacar que, antes da chegada dos alunos do internato do Ginásio Paranaense no Ginásio Diocesano, o Seminário São José já matriculava alunos nos cursos preparatórios.⁵ Este fator contribuiu para que o número de alunos da primeira série aumentasse, pois o número correspondia à soma dos alunos das duas instituições.

O professor de História Dario Vellozo também deixou de ministrar aulas no internato por ocasião da transferência da sua sede para um espaço católico. Este professor era denominado na época como anticlerical, dentre outras coisas, por defender a escola pública e laica. A mudança do internato para um local católico aconteceu em meados da década de 1920 em um contexto que ainda se percebia a permanência da rivalidade entre o grupo anticlerical e o laicato católico.⁶ Esses dois grupos disputavam a formação das novas gerações que frequentavam a escola pública, e mais especificamente, os alunos do Ginásio Paranaense (CAMPOS, 2002, p. 9).

Nesse período, os indícios da formação de grupos de intelectuais católicos leigos na capital paranaense possibilitaram um contraponto ao movimento anticlerical (CAMPOS, 2002, p. 10). Até o ano de 1924, as intervenções católicas em relação ao movimento anticlerical no âmbito do Ginásio Paranaense estavam centradas na pessoa do padre Desidério Deschand.⁷ No entanto, a partir de 1926, com a estruturação do laicato católico por meio da fundação da União dos Moços Católicos de Curitiba e a criação da revista *A Cruzada*, a disputa passou a centrar-se nos novos espaços compostos de intelectuais católicos.

A disputa entre o grupo anticlerical e o laicato católico nas primeiras décadas do século XX em Curitiba pode ser ilustrada pela autobiografia de Dom Jerônimo Mazzarotto, na qual este religioso relatou que, no período em que ele estudava no seminário, em 1910, havia muita gente contra a Igreja Católica, contra o clero.

Quando entrava um padre nos bondes de burro, os moços metidos a intelectuais, a engraçados diziam: hoje o bonde vai descarrilhar! E o padre dizia: Não tenham medo, há muitos burros para colocar novamente o bonde nos trilhos. (MAZZAROTTO, 1981, p. 5)

A hostilidade exemplificada pelo relato de Dom Jerônimo, no que tange às relações entre estudantes e clérigos nas primeiras décadas do século XX em Curitiba, possibilitou para esta investigação uma noção de como se davam as relações entre os dois grupos.

Por outro lado, em meados da década de 1920, essa rivalidade entre católicos e anticlericais parece ter se modificado e a oposição entre os dois grupos arrefeceu-se, pois segundo Boschilia (2002, p. 58):

[...] o governo do Estado possibilitou condições favoráveis ao grupo católico. No plano educacional, a política adotada pelo governador Caetano Munhoz da Rocha voltou-se às questões conflituosas entre locais. O governador escolheu Lysímaco Ferreira da Costa para assessorar nas questões do ensino, mais propriamente do ensino secundário.

A nomeação de um padre lazarista para ocupar o cargo de subdiretor administrativo e de outros padres lazaristas para compor o quadro de professores do internato do Ginásio Paranaense era muito significativa para a diocese de Curitiba na época. Os mesmos faziam voto de pobreza, assim, a maior parte de seus proventos era revertida para os cofres da Congregação. Esta renda, somada ao aluguel do prédio pago pelo Estado à diocese de Curitiba, contribuía para o processo de romanização do Estado, ou seja, era mais dinheiro que se destinaria a construções de seminários e novas igrejas no interior do Estado. A nomeação dos padres lazaristas para exercerem o cargo de professores e a não

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

abertura de concurso público para professor do internato sugerem que esta foi uma estratégia do Estado, pois a direção-geral do Ginásio Paranaense, por meio das decisões da Congregação, procurou manter o internato sob seu controle ou controle laico.

Entre os professores nomeados, destaca-se o professor padre Luiz Miele. Este religioso, além de ministrar a disciplina de lógica e psicologia, contava com uma formação intelectual sólida, o que, segundo as cartas do padre Gonzáles ao seu superior Eugenio Pasquier, lhe permitiu atuar em diversos campos do conhecimento.

O padre Miele foi um dos principais mentores da criação do Círculo dos Bandeirantes⁸ em Curitiba no ano de 1929. Esse centro cultural tinha como objetivo “[...] congregar a juventude católica, mas por outro lado este espaço também se constituiu no principal espaço de debate intelectual da filosofia e da teologia católica” (CAMPOS, 2005, p. 175).

O Círculo dos Bandeirantes fazia parte do movimento clerical da segunda metade dos anos de 1920, ao qual se somou a (re)organização do catolicismo em Curitiba iniciada pela presença e trabalho das primeiras congregações religiosas, do estabelecimento e manutenção do Seminário São José e a fundação de diversos colégios confessionais.

Esse movimento clerical combatia o movimento anticlerical, o qual foi movido pelas ideias da corrente positivista e darwinista, e defendia também o ensino laico e público. Para a Igreja Católica, essas correntes provocaram, na sociedade, um distanciamento da fé.

Segundo estudos das historiadoras Mônica Veloso (1978) e Lucia Lippi Oliveira (1980), a Igreja Católica e parte da sociedade acreditavam que a crise espiritual das primeiras décadas do século XX era resultado das transformações que o país estava atravessando, sendo muitas delas impostas pela modernidade.

Para fazer frente a esse arrefecimento espiritual, o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, orientou os religiosos católicos a se aproximarem do Estado estabelecendo laços de amizade com políticos e, posteriormente, a criarem espaços intelectuais e culturais com o objetivo de recuperar o espaço na educação e de reconquistar privilégios perdidos com o fim do regime de padroado (RODRIGUES, 2005, p. 114).

Em Curitiba o padre Miele, possivelmente seguindo a orientação de Dom Leme, convidou o governador Caetano Munhoz da Rocha para fazer parte do Círculo dos Bandeirantes. Na gestão deste governador percebeu-se certo avanço no processo de romanização do Estado, pois foi no governo dele que se deu a fundação das dioceses de Ponta Grossa (1926) e a construção do Seminário São José na cidade de Irati (1928).

A aliança entre Estado e Igreja Católica no Paraná no final da década de 1920 interessou a ambos, pois o Estado buscava legitimar seu poder com o aval da Igreja, e a Igreja esperava que o Estado a tornasse um instrumento de colaboração no processo de constituição de seus valores na sociedade brasileira (CAMPOS, 2002).

Contudo, na década de 1930, a dicotomia ensino público laico *versus* ensino público católico foi relativizada, pois no governo Vargas, segundo Rocha (2000), Estado e Igreja Católica se reaproximaram tendo como finalidade combater as ideias socialistas que gradativamente se infiltravam no âmbito educacional. O Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, apresentou o ensino religioso como “[...] uma verdadeira revolução no campo da educação”. Tanto a Igreja Católica como o Estado na década de 1930 percebiam no ensino religioso uma possibilidade de reforçar nos alunos valores como “a religião, a pátria e a família”, que, segundo o Ministro Campos, não eram mais trabalhados pela proposta de ensino pautado no domínio da técnica e dos métodos (CAPANEMA, 2001, p. 202).

Os padres lazaristas e a crise no internato

No final da década de 1930, o internato passou por alguns problemas. Segundo a direção, os padres lazaristas que atuavam como professores no internato estavam faltando com o voto de pobreza e com o cumprimento das suas obrigações, principalmente no que se referia às aulas, como pode ser exemplificado com o fragmento das correspondências a seguir:

[...] A respeito do padre Souza [...]. Este padre dá impressão que não fez seminário, pois nem piedade cristã ele tem. Tem ganhado muito dinheiro pregando nos retiros e dizendo missas dentro e fora da casa e não entrega um vintém. [...]. Peço ao senhor padre visitador queira trocar por outro que queira trabalhar e que tenha espírito lazarista [...]. (carta do padre Manoel Gonzales ao padre Superior dos lazaristas no Brasil, 01/07/1937)

O nosso subdiácono Andrade é sempre o mesmo. Não está nada melhor. Saúde do corpo ótimo, mas pobre de espírito, está bem atrapalhado, é incapaz de fazer uma leitura seguida e clara. Nem se quer a oração da noite e da manhã. Dá algumas aulas agora só no seminário, pois os meninos do ginásio não sabiam nem a primeira declinação e, ele já estava marcando lição quase no fim da gramática. (carta do padre Manoel Gonzales ao superior dos lazaristas no Rio de Janeiro, 04/10/1937)

A produção dessas cartas não foi um caso isolado, a maioria das cartas enviadas ao superior evidenciou que a crise entre os padres lazaristas do internato era mais complexa. Segundo o padre Gonzales, a crise do internato

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

era causada pelas atitudes de alguns padres e porque alguns deles encontravam-se adoentados.

[...] A permanência do padre Souza aqui se tornou impossível. Recusando dar aulas no Ginásio, (só 4 por semana), o inspetor federal viu-se na obrigação de suspendê-lo de professor, sendo por isso, os alunos da 1ª e 2ª série muito prejudicados. Em consequência, no relatório enviado ao Rio de Janeiro, foi atribuída nota zero a todos os alunos da 1ª e 2ª série. Devido a isso mais de 60 alunos correm o sério risco de serem reprovados no fim deste ano. [...] Rogo encarecidamente ao padre visitador que o retire daqui o quanto antes. Convém que ele saia, pois por 3ª sei pessoa que o arcebispo já sabe alguma coisa, e é impossível que assim seja, pois o padre foge todos os dias para cidade. (carta do padre Manoel Gonzales ao seu superior no Rio de Janeiro, 19/09/1937)

A nomeação dos padres para exercerem a função de professores no internato, sem que estes precisassem passar pela banca examinadora, em certa medida colocou em jogo o ensino nessa instituição. Os lentes que faziam parte do Ginásio Paranaense na seção do externato tinham curso superior e prestaram concurso rigoroso, sendo este um dos dispositivos que garantiu para o externato a qualidade de ensino.

Por ocasião da nomeação dos padres lazaristas para exercerem cargo de professor, a direção-geral do Ginásio Paranaense e o governo do Estado tenham confiado na formação que esses religiosos tiveram no seminário e na faculdade de teologia. Entretanto, evidenciou-se através das correspondências do padre Gonzalez que nem todos estavam preparados para exercer a função de professor.

Além dos problemas mencionados, o padre Gonzalez temia pela continuação da Congregação Lazarista na administração do internato. Através das cartas, manifestava saber da insatisfação de alguns pais quanto ao ensino ministrado por eles, e também não podia mais contar com o auxílio do governador Caetano Munhoz da Rocha, o qual era considerado amigo dos padres lazaristas, pois quem estava no poder do Estado, a partir de 1930, era o interventor Manuel Ribas, o qual era mais próximo dos Irmãos Maristas do Sul.

A falta de preparo de alguns padres para ministrarem suas aulas, somada aos problemas expostos, a partir da década de 1930, interferiu na qualidade do ensino do internato do Ginásio Paranaense. Esta crise, aliada à mudança de governo e de bispo na diocese de Curitiba, contribuiu para que os padres lazaristas deixassem a administração do internato e, em seu lugar, assumisse outro grupo de religiosos, os Irmãos Maristas do Sul.

Irmãos Maristas na administração do internato

A trajetória dos Irmãos Maristas rumo à direção do internato iniciou em 1927, quando os Irmãos Maristas do Sul e os Irmãos Maristas do Brasil Central pleitearam a região litorânea e norte de Santa Catarina. Estas duas províncias julgavam tal região fértil para o recrutamento vocacional. Como ambas tinham interesse pela região, a decisão de quem ficaria com ela foi através do voto. Os Irmãos Maristas do Sul perderam por três votos a dois (AZZI, 1997, p. 182-197).

Paralelo à disputa dos Irmãos Maristas do Brasil Central e dos Irmãos Maristas do Sul, Dom Ático Eusébio da Rocha deixou a diocese de Santa Maria no Rio Grande do Sul e assumiu a diocese de Curitiba. O interventor do Paraná, Manoel Ribas, também trabalhou em Santa Maria nos anos de 1920 e lá conheceu e manteve o colégio administrado pelos Irmãos Maristas do Sul. Dessa forma, os dados sugerem que a amizade entre os Irmãos Maristas do Sul, o arcebispo Dom Ático e o interventor do Estado do Paraná contribuiu para que essa congregação viesse a ocupar a direção do internato no ano de 1939.

O convite de Dom Ático e do interventor Manoel Ribas para que os Irmãos Maristas viessem ocupar a direção do internato foi analisado pelo superior dos Irmãos Maristas no Brasil, Afonso Desiré, com certa cautela. No ano de 1925, na inauguração do Colégio Santa Maria em Curitiba, administrado pelos Irmãos Maristas do Brasil Central, foi estabelecido que os Irmãos Maristas não poderiam abrir pensionato na cidade de Curitiba, para evitar concorrência com os padres lazaristas do internato do Ginásio Paranaense (AZZI, 1997).

A estratégia estabelecida por Dom Ático foi que os padres lazaristas passariam a administrar somente o Seminário São José e os Irmãos Maristas do Sul administrariam o internato. Esta estratégia do arcebispo garantiu que a Igreja Católica local continuasse reforçando os valores católicos entre os ginasianos internos, e continuasse também o processo de romanização do Estado por meio dos novos sacerdotes formados pelo Seminário São José. Foi neste contexto que os Irmãos Maristas do Sul assumiram a administração do internato.

Segundo os dados levantados, os Irmãos Maristas do Sul encontraram o prédio necessitando de muitos reparos, sendo que estes reparos foram ajustados paralelos às atividades educacionais do internato no período de 1939 a 1942.

Chegados ao internato do Ginásio Paranaense, não acreditávamos no panorama que nos apresentou. Que loucura de vingança! Teria sido ideada contra os novos dirigentes? Procuo termos para descrever o que se via: portas e janelas tudo em pedaços, sem nenhum vidro intacto; quadros, espelhos, torneiras, copos, garfos e

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

facas, nem uma colher ou cama sequer [...] O que aconteceu? Não sabíamos explicar. [...] Não creio, como diziam, que tudo fora instigado pelas pessoas que vinham dirigindo o internato de forma lamentável. Os diretores até então, não primavam pela disciplina, pela ordem e respeito. Retiraram com mágoa que não puderam conter (Memórias do Irmão Pacômio). (Histórico Colégio Marista. s/ autoria e s/d.)

A transição da gestão lazarista para a gestão marista foi marcada por tensões entre as duas congregações e a insatisfação de alguns alunos, como indicou o relato de memória do Irmão Pacômio.

Considerações finais

Este trabalho possibilitou trazer à superfície uma noção das resistências, das imposições por parte dos sujeitos e das contradições entre o prescrito e o praticado no que se refere à criação do internato do Ginásio Paranaense, sob uma administração laica e sua transferência para uma administração religiosa e, sobretudo, possibilitou também evidenciar os improvisos na criação e no funcionamento desta instituição.

A improvisação do espaço físico na primeira fase do Internato (1919 a 1925) e a omissão de dados pela direção e pelo governo do Estado ao Governo Federal no que se refere ao número de professores da instituição e ao número de alunos foram algumas das primeiras estratégias das autoridades para que o internato viesse a ser uma realidade em Curitiba.

Por fim, a contradição relativa ao discurso do novo regime (República) e a transferência dos ginásianos para um espaço religioso, primeiramente sob administração dos lazaristas e posteriormente sobre administração dos Irmãos Maristas do Sul, também foi evidenciada neste trabalho. Contradição porque o internato foi criado em uma época em que a defesa pela escola pública e laica era muito forte, mas como o Estado e a direção-geral do Ginásio Paranaense não dispunham de um espaço próprio para a instituição, viram, como possibilidade do internato continuar existindo, a transferência dos ginásianos para um espaço católico. Esta estratégia do Estado e da direção-geral do Ginásio Paranaense foi ao encontro dos anseios da Igreja Católica local no processo de romanização do Estado, o qual começou com a criação da diocese e do Seminário São José na cidade de Curitiba no final do século XIX.

Referências

ABREU, G.S.A. **A trajetória de Lysímaco Ferreira da Costa**: educador, reformador e político no cenário da educação brasileira. 221p. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo, 2007.

ANNUARIO. **Gymnásio Paranaense**. Curitiba: Tipografia João Haupt, 1929, n. 1. anno 1.

ANTUNHA, H. C. G. **A união e o Ensino Secundário na primeira república**. 271p. Dissertação (Concurso de Professor Titular do Departamento de Metodologia do Ensino de Educação Comparada) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Setor de Educação da USP, São Paulo, 1980.

AZZI, R. **História da Educação Católica no Brasil**: contribuição dos Irmãos Maristas – Expansão da Obra de Champagnat no Brasil (1947-1972). São Paulo: SIMAR, 1997. v. 3.

BOSCHILIA, R. T. **Modelando condutas**: educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965). 238p. Tese (Doutorado em História) –UFPR, Curitiba,2002.

CAMPOS, N. de. **Laicato católico**: o papel dos intelectuais na organização do projeto formativo da Igreja Católica no Paraná (1926-1938). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

CAMPOS, N. A presença do Laicato católico no Paraná dos anos de 1920 e 1930. **Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 169-182, 2005.

CARTA do padre Raphael Gonzalez ao superior dos Lazaristas no Rio de Janeiro, 01/07/1937.

_____ do padre Raphael Gonzalez ao superior dos Lazaristas no Rio de Janeiro, 19/09/1937.

_____ do padre Raphael Gonzalez ao superior dos Lazaristas no Rio de Janeiro, 03/10/1937.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de Fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HORTA, J. S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

JORNAL O DIA. 10/03/1920 - 07/08/1923 - 05/12/1924.

JORNAL GAZETA DO POVO. 03/03/1990.

MAZZAROTTO, Dom Jerônimo. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Ano VIII n. 52, p.13 -14, abril.1981, p.5.

PARANAENSE, Colégio Marista. Histórico datilografado s/autoria e s/d.

Internato do ginásio paranaense 1919 a 1942: estratégias utilizadas em torno da criação e transferência para um espaço e gestão católica

OLIVEIRA, L. L. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PARANÁ. Decreto Estadual n. 542 de 1915.

RANZI, S. M. F.; SILVA, M. C. Questões de legitimidade na Primeira República: o ensino secundário regular e a equiparação do Gynásio Paranaense ao congênere federal. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 31, n. 3, p. 133-152, 2006.

_____. Práticas disciplinares lininauguradas com a República no ensino secundário. **Dossiê Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: Os Palos no Brasil e em Portugal**, Campinas, v. 20, n. 58, jan./abr. 2009.

ROCHA, M. B. M. da. **Educação conformada – A Política Pública de Educação no Brasil – 1930/1945**. Juiz de Fora: ED. UFJF, 2000.

RODRIGUES, C. M. **A Ordem uma revista de intelectuais católicos 1934-1945**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCHWARTZMAN, S.; BONEMY, H. M. B.; COSTA, M. R. C. **Tempos de capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, G. B. **Introdução à crítica do ensino secundário**. Rio de Janeiro: Cades/MEC, 1969.

STRAUBE, E. C. **Do licêo de coritiba ao colégio Estadual do Paraná**. Curitiba: FUNDEPAR, 1993.

_____. O internato do Ginásio Paranaense. **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, v. 39, p. 147-156, 1998.

VELOSO, M. P. **A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica**. Ciência Política. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, v. 21, n. 03, p. 117-160, jul./set. 1978.

Notas

¹ Disponíveis no Arquivo Público do Estado do Paraná, arquivo escolar do Colégio Marista Paranaense, Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná e Memorial Lysímaco Ferreira da Costa.

² Em 1920, um ano após a criação do internato, houve a necessidade de ampliar o número de matrículas, que quase triplicou em relação ao seu primeiro ano. Para atender a essa demanda, o proprietário do palacete, senhor José Loureiro, construiu dois andares anexos a ele, com capacidade para atender 120 alunos.

³ Lentes catedráticos eram professores que só recebiam essa denominação após terem provado, por meio de concurso público, conhecerem perfeitamente a teoria e a prática da disciplina. Cf. Decreto 542, Art. 67, 1915. Disponível no Arquivo Público do Estado do Paraná na cidade de Curitiba.

⁴ O Decreto 542 de 1915 previa que somente os lentes concursados poderiam participar da congregação, ou seja, do conselho do Ginásio, o qual determinava a estrutura e o funcionamento da instituição em todos os seus aspectos.

Juraci Santos – Serlei Maria Fischer Ranzi

- ⁵ Os cursos preparatórios consistiam em preparar os alunos em uma ou mais disciplinas que compunham o que hoje chamaríamos de grade curricular do ensino secundário, para que esses alunos pudessem prestar os exames, de forma parcelada, até a conclusão de algumas disciplinas da grade curricular, que possibilitasse o acesso a determinados cursos do Ensino Superior. Porém, esses exames só podiam ser prestados nos ginásios públicos equiparados ao Colégio Pedro II, pois esses eram os únicos autorizados pelo Governo Federal a realizar os exames parcelados, exceto por ocasião da Reforma Rivadávia Correia, 1911-1915, pois durante o vigor desta lei, a equiparação foi estendida para as escolas particulares (ANTUNHA, 1980).
- ⁶ O movimento anticlerical que, inspirado em determinadas correntes europeias tais como a positivista e a darwinista, defendia a liberdade, o culto e a laicização do ensino público. Grande parte dos componentes desse grupo era de maçons, espíritas e esotéricos, que se uniram não só pela defesa de questões religiosas e filosóficas, mas para fazer frente às estruturas socioculturais e políticas há muito vigentes no cerne da sociedade paranaense de então (MARACH, 2007, p. 13).
- ⁷ Este religioso foi um dos principais líderes da Igreja Católica no Paraná no final dos oitocentos e nas primeiras décadas dos novecentos (CAMPOS, 2002, p. 16).
- ⁸ O Círculo de Estudos Bandeirantes foi fundado no dia 12 de setembro de 1929, pelos onze jovens idealistas deste espaço, sendo eles: Antônio de Paula Rodrigues, Benedito Nicolau dos Santos, Bento Munhoz da Rocha Netto, Carlos Araújo de Brito Pereira, José de Sá Nunes, José Farani Mansur Guérios, José Loureiro, Padre Luiz Gonzaga Miele, Pedro Ribeiro Macedo da Costa e Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas. Esse grupo formou o que Campos (2005) denominou em seu estudo de Laicato Católico. O Círculo dos Bandeirantes foi fundamental à Igreja Católica dos anos de 1920 e 1930, no que se refere à disseminação do pensamento católico na cultura paranaense.

Correspondência

Juraci Santos – Rua José de Alencar, 120. Ap.304, CEP 8050-240, Cristo Rei, Curitiba, Paraná.
E-mail: historia.juraci@gmail.com – serleif@gmail.com

Recebido em 22 de março de 2011

Aprovado em 12 de fevereiro de 2012